



HISTÓRIA DECADENTE: AS *INVESTIGAÇÕES KAFKIANAS E A SEGUNDA EXTEMPORÂNEA*

Gabriel Alonso Guimarães

Orientadora: Maria Bernadette Velloso Porto

Doutorando

RESUMO: A relação entre Franz Kafka e Friedrich Nietzsche já foi pesquisada inúmeras vezes, por variados aspectos. Tendo sido leitor do filósofo, é natural que Kafka tenha, em suas obras, aludido a conceitos e formulações de seu antecessor (e, de certo modo, contemporâneo). Nossa intenção é dar continuidade a essa tradição investigativa, em especial num ponto: a questão da história e do tempo histórico. Apesar de a obra – literária e autobiográfica – de Kafka raramente se referir a acontecimentos particulares e parecer estar, na abordagem de suas temáticas, completamente absorta do seu contexto, há em muitos de seus textos uma sensível reflexão acerca da passagem do tempo, em especial na relação entre as gerações. Como nos parece, aqui também se encontra respaldado aquele que é o tópico de nossa pesquisa de doutorado: o ceticismo convivial de Kafka. Há, por conta disso, uma singular visão melancólica acerca da história e do peso do passado para as gerações mais jovens, algo que se resume na expressão do protagonista das *Investigações de um cão*: “eu vejo somente decadência”. A partir de um contraste entre as visões de Nietzsche – em especial, a partir da *Segunda Extemporânea* (1874) – com a citada obra kafkiana, tentaremos formular uma teoria da história no autor tcheco, com um olhar atento à questão do convívio nessa passagem (aqui, temporal).

PALAVRAS-CHAVE: Kafka, história, Nietzsche.

A obra de Kafka, sobretudo a mais tardia, parece compor uma análise fragmentária, frequentemente narrada por vozes animais, dos limites da cognoscibilidade e da compreensão humanas. Textos famosos como *O Castelo* (1921), *A Construção* (1923-1924) e principalmente *Investigações de um cão* (1922) – todos de publicação póstuma, mas escritos na década de 1920 (e, não custa lembrar, Kafka morreu em junho de 1924) – revolvem ao redor do problema hermenêutico e de seus pressupostos. Mesmo obras menos tardias, como o *Processo* (escrito por volta de 1915), tem como fundo uma busca de sentido ligada ao texto escrito e a sua interpretação, nesse caso, a da lei. Se resquícios da tradição judaica, da qual se origina, ou influências de leituras filosóficas – de Nietzsche e Dilthey, por exemplo –, não nos convém decidir. O que importa é o veio teórico-reflexivo que atua como motor das narrativas e que coloca a obra kafkiana em relação direta não só com grande parte da literatura contemporânea – veja-se Joyce ou Proust –, mas também com a filosofia moderna.

Nossa intervenção hoje se propõe a focar num texto somente: as *Investigações de um cão*, publicadas originalmente pelo amigo de Kafka, o escritor Max Brod, em 1931.¹ Como evidencia o título, o protagonista dessa narrativa é um cachorro cuja atividade é a pesquisa científica. Não *uma* nem *qualquer* pesquisa, mas várias pesquisas, com vários e díspares objetos, todas com um evidente caráter contemplativo. Luiz Costa Lima (2017, p. 196), em livro recente, usava metáfora da rapsódia para definir esse texto, “caracterizado pelo amálgama de temas, que antes se aglutinam, em vez de propriamente se desenvolverem”. O problema central, porém, é a questão da nutrição canina, questão que serve de apoio material à inquirição fundamental, ontológica por assim dizer, acerca da essência dos cães. Não custa lembrar que, contemporaneamente, Martin Heidegger (2012) trabalha sobre tópicos semelhantes – *Ser e Tempo*, cuja proposta é inquirir acerca do sentido do ser para o *Dasein* (o ente que se põe perguntas), é publicado três anos após a morte de Kafka. Cabe referir, além disso, que a crítica já referiu a relação entre esse cão e o Sócrates da *Apologia* e do

¹ O presente trabalho faz parte do projeto de doutorado que ora se desenvolve com bolsa de pesquisa da CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior.

Fedroplatônicos (LEADBEATER, 1987), aquele primeiro filósofo a afirmar a necessidade imperiosa de investigação sobre a vida (PLATÃO, 1914).

O problema ontológico se resume, como quase sempre em Kafka, num *doublebind*: por um lado, os cães são definidos como ser-de-perguntas. Daí que o personagem diga, de forma particularmente socrática, que “[t]odo o conhecimento, o conjunto de todas as perguntas e de todas as respostas, está contido nos cães” (KAFKA, 2016, p. 162). Basta que se questione para fazer vir à tona, anamnesticamente, o saber escondido, a *alétheia* canina. Por outro lado, os mesmos cães, quando inquiridos, não dão resposta de si, evidenciando assim que são “um baluarte do silêncio” (KAFKA, 2016, p. 165), seres que calam. Numa passagem do texto – não constante da edição crítica (KAFKA, 1992), mas das edições baseadas na versão de Brod, provavelmente –, a verdade, metaforizada no tutano de um osso, é chamada de “um veneno” (KAFKA, 2016, p. 165), sendo, dessa forma, aconselhável que permaneça esquecida.

É por esse caminho que a obra revela suas primeiras conexões com Nietzsche. Mais do que no idealismo ontológico quebrado por um paradoxo cético, são nas imagens que encontramos tal conexão. Nesse ponto em particular, transparece o primeiro parágrafo da *Segunda Consideração Extemporânea* (1874), em que o autor diferencia a felicidade do animal da melancolia humana justamente a partir do esquecimento e do silêncio acerca de si mesmo e de seu passado. Cito Nietzsche (2003, p. 7):

O homem pergunta mesmo um dia ao animal: por que não me falas sobre tua felicidade e apenas me observas? O animal quer também responder e falar, isso se deve ao fato de que sempre esquece o que queria dizer, mas também já esqueceu esta resposta e silencia: de tal modo que o homem se admira disso.

O objeto da longa consideração nietzschiana é aquilo que chama de o orgulho da cultura alemã no século XIX: o desenvolvimento inigualável da ciência histórica, em seus métodos e em seus resultados. Para o filósofo, o excesso de memória histórica resulta no entravamento da ação energética sobre o presente. Faz-senecessário, portanto, trabalho (extemporâneo) de esquecimento, de redirecionamento das investigações historiográficas em proveito da vida, e isso por três motivos: para dar frutos monumentais, para fixar raízes “antiquárias” ou para cortá-las via crítica.

É por que tal *Extemporânea* não foi ouvida, nem mesmo pelo próprio Nietzsche – o qual reconsiderou, mais tarde, esse escrito como juvenília –, que o cão de Kafka sofre, ele também, com o peso da história. A ciência – que, diga-se de passagem, ele pratica como amador, sem o método adequado, qual seja: utilizar-se dos trabalhos predecessores e vincular-se aos contemporâneos (KAFKA, 2016, p. 166) – revela-se como difícil (*schwer*) não só para quem quer entendê-la, como também, e ainda mais intensamente, para quem quer aplicá-la. É o acaso da vida – a passagem histórica, diríamos – que “quase cada hora apresenta novas tarefas e cada novo pedacinho de terra as suas próprias” (KAFKA, 2016, p. 175), fazendo com que ninguém possa se instalar definitivamente em algum lugar e o conhecimento, dessa forma, seja uma vã tentativa de atingir a verdade inatingível. Para que todo o esforço, pergunta-se o cão? Só “para enterrar-se cada vez mais no silêncio” (KAFKA, 2016, p. 175). Cavar para si o silêncio, tomando isso como o trabalho vital, é o que faz não só esse cãozinho, como também a toupeira de *A Construção*.

O progresso científico do povo canino – aquele esforço que “nos ocupa desde os tempos primitivos” (KAFKA, 2016, p. 158) – prova-se uma decadência:

Vejo apenas declínio [*Verfall*], com o que não quero dar a entender que, em essência, as gerações anteriores foram melhores; eram apenas mais jovens, essa era uma grande vantagem; sua memória ainda não estava tão sobrecarregada [*überlastet*] quanto a atual; naquela época era mais fácil fazê-las falar e, se ninguém teve êxito, a possibilidade era maior [...]. Aqui e ali ouvimos uma palavra alusiva e quase temos vontade de saltar em pé, não sentíssemos sobre nós o peso dos séculos [*Last der Jahrhunderte*]. Não; o que também objeto à minha época é que as gerações anteriores não foram melhores que as mais novas, num certo sentido foram muito piores e mais fracas. Certamente os milagres também não circulavam, então, livres pelas ruas para ser colhidos por qualquer um; mas os cães ainda não eram – não consigo exprimi-lo de outro modo – tão caninos como hoje em dia, a conexão entre os membros da comunidade ainda era solta, a palavra verdadeira [*das wahre Wort*] podia ainda intervir, definir a construção, mudar o tom [*den Baubestimmen, umstimmen*], alterar segundo qualquer desejo, virá-la em sentido contrário; e aquela palavra existia, pelo menos estava perto, pairava na ponta da língua, todos podiam apreendê-la: para onde ela foi agora? Hoje seria possível buscá-la até nas tripas [*ins Gekröse*] e não encontrá-la (KAFKA, 2016, p. 176; KAFKA, 1992, p. 455-456).

As gerações mais antigas não foram melhores, mas pelo menos não sofriam com o excesso de memória histórica. Quanto mais tardiamente se vem na tradição, mais difícil fica

carregar o fardo do passado, dar conta da “massa descomunal de pedras indigeríveis de saber”, como a chama Nietzsche (2003, p. 33). Efeitos dessa supersaturação são, segundo o filósofo, a apatia melancólica e a crença na suposta velhice da humanidade. Daí advém a sensação epigonal de que nada há por se fazer mais, de que tudo já foi dito, tal como já séculos antes a descreve Montesquieu no *Discurso de entrada na Academia de Bordeaux* (1717). É o que percebe o protagonista canino quando, ao realizar um experimento e crer-se desbravador de *terra ignota*, descobre que “esse experimento estava descrito fazia muito tempo na ciência” e era tido como destituído de “importância científica” (KAFKA, 2016, p. 185).

Há um cansaço atlante nos pósteros. Eles não podem dionisiacamente “saltar em pé” porque suportam, como anões corcundinhas, o peso de gigantes. Inverte-se aqui a metáfora medieval, tal como em Nietzsche (2003, p. 82). A (platônica) palavra verdadeira, assim diz o cão, existia entre os antigos e lá estava disponível para “definir a construção”; hoje, porém, “seria possível buscá-la até nas tripas e não encontrá-la” (KAFKA, 2016, p. 176). Nem mesmo no ventre – lugar de memória tanto para Santo Agostinho (2004, p. 452) quanto para Friedrich Nietzsche (2003) –, pode ser encontrado o *lógosalethés*. E sem ela, a construção da ciência – essa torre babélica de infinitas gerações – revela-se vã, um *work in progress* eterno: “é algo que continuamente se desmorona em um bem antigo, há muito tempo possuído, que precisa ser reconstruído pacientemente” (KAFKA, 2016, p. 158). A ciência humana – isso demonstra a fábula – é ruínosa, um esforço arruinado por suas próprias condições. Sem a sequência de gerações, o *télos* da humanidade é inalcançável – isso sabia Kant ([1917]) em 1784; com a transmissão e a mediação histórica, a perda é inevitável – isso sabia Kafka (2016) em 1922. *Double bind*.

O progresso científico é envelhecimento, é caminhar em direção à morte. A própria história, para o observador tardio, tem a forma de um labirinto – lugar de errância e de perdição, logo: lugar de melancolia.

Quando nossos antepassados se desencaminhavam [*abirrtten*], certamente mal pensavam que esse erro poderia ser infinito [*endloses Irren*], viam, literalmente, ainda uma encruzilhada, era sempre fácil regressar e quando hesitavam em fazê-lo era só porque ainda queriam desfrutar, por um tempo breve, da vida canina; não era ainda propriamente uma vida canina e já lhes

parecia embriagadoramente bela, como só mais tarde devia se tornar, pelo menos um pequeno espaço de tempo mais tarde e por isso continuavam a se desviar [*irriten sie weiter*]. Não sabiam o que podemos intuir pela observação do curso da história [*BetrachtungdesGeschichtsverlaufs*]: que a alma migra, mais cedo que a vida, e que eles, quando começaram a fruir a existência de um cão, já precisavam ter uma alma canina bem velha e não estavam mais, de modo algum, tão próximos do ponto de partida [*Ausgangspunkt*] como lhes parecia ou como seu olho regalado em todas as alegrias dos cães queria fazer acreditar (KAFKA, 2016, p. 177; KAFKA, 1992, p. 456-457).

Os antigos carregam a dupla culpa de terem perdido a palavra verdadeira e a saída do labirinto da história. Os mais jovens, nessa perspectiva, são inocentes, mas nem por isso menos melancólicos. Como vimos, sua posição “superior” – lembremos dos jardins labirínticos barrocos (BÖHME; BÖHME, 1985) – só lhe oferece a visão de um mundo de ruínas, de uma Torre que sempre esteve somente na fundação (ver *O brasão da cidade* e *Durante a construção da muralha da China*). Nessas imagens, ecoa o que contempla o anjo benjaminiano na nona tese *Sobre o conceito de história* (BENJAMIN, 1987, p. 226): um mundo onde a euforia iluminista com progresso e o controle historiográfico sobre o passado são criticamente desmontados. O Kafka das *Investigações* é, dessa maneira, um contemporâneo: não só de Nietzsche e Benjamin, mas também nosso.

Leitor de Gustave Flaubert, o autor praguense escreve, com esse texto, seu *Bouvard e Pécuchet*. Como o romancista francês, aqui a literatura aparece como crítica da crença na ciência e dos pressupostos dessa crença. Enquanto naquele os personagens são vítimas de cômica sátira em sua busca pela verdade, neste o cão acaba por elaborar, a partir de suas investigações, uma singular epistemologiacético-pessimista do conhecimento, em especial do historiográfico.² Em ambos os escritores, porém, fala o espírito do Nietzsche (2016, p. 214) de *AGaia ciência*, que vê na “impetuosa exigência de certeza que hoje se espalha de modo científico-positivista por grande número de pessoas”, a sobrevivência da herança platônico-cristã: a metafísica ocidental.

²E a escolha pelo protagonista canino não é fortuita: lembre-se de que se trata de um bicho de faro apurado, cujas patas fornecem o modelo dos *vestigia* – instrumento fundamental da ciência histórica (v. RICOEUR, 2010, p. 197ss.) –, e que, pelo menos desde Albrecht Dürer, figura entre os seres melancólicos. Sobre isso, v. Peter-André Alt (1988, p. 60).



REFERÊNCIAS

AGOSTINHO, Aurélio. *Bekentnisse. Confessiones*. Ed. bilíngue. Trad. Wilhelm Thimme. Düsseldorf/ Zürich: Artemis & Winkler, 2004.

ALT, Peter-André. „Das Gute ist in gewissem Sinne trostlos“. Motive der Melancholie bei Kafka. In: *Modern Austrian Literature*. Vol. 21, n. 2, 1988, pp. 55-76. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/24647521> (acesso em 13/06/2017).

BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política*. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1987.

BÖHME, Gernot; BÖHME, Hartmut. *Das Andere der Vernunft: Zur Entwicklung von Rationalitätsstrukturen am Beispiel Kants*. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1985.

FLAUBERT, Gustave. *Bouvard e Pécuchet*. Trad. Marina Appenzeller. São Paulo: Estação Liberdade, 2017.

HEIDEGGER, Martin. *Ser e tempo*. Ed. bilíngue. Trad. Fausto Castilho. Campinas: Ed. da Unicamp/ Petrópolis: Vozes, 2012.

KAFKA, Franz. *Nachgelassene Schriften und Fragmente II*. Frankfurt: S. Fischer, 1992.

_____. *Narrativas do espólio*. Trad. Modesto Carone. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

KANT, Immanuel. *Idee zu einer allgemeinen Geschichte in weltbürgerlicher Absicht*. Leipzig: Verlag von Felix Meiner, [1917]. Disponível em: <http://www.mdz-nbn-resolving.de/urn/resolver.pl?urn=urn:nbn:de:bvb:12-bsb11125515-1> (acesso em 13/06/2017).

LEADBEATER, Lewis. Platonic Elements in Kafka's "Investigation of a Dog". In: *Philosophy and Literature*. Vol. 11, n.º 1, 1987, pp. 104-116. Disponível em: <https://muse.jhu.edu/article/415985/pdf> (acesso em 13/06/2017).

LIMA, Luiz Costa. *Melancolia: Literatura*. São Paulo: Editora Unesp, 2017.

MONTESQUIEU. *Oeuvres complètes de Montesquieu*. Paris: L. de Bure, 1834. Disponível em: <http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k5813393t> (acesso em 13/06/2017).

NIETZSCHE, Friedrich. *Segunda Consideração Intempestiva*. Trad. Marco A. Casanova. Rio de Janeiro: RelumeDumará, 2003.



Anais do VIII Seminário dos Alunos dos Programas
de Pós-Graduação do Instituto de Letras da UFF
Estudos de Literatura

_____. *A gaia ciência*. Trad. Paulo de César Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

PLATÃO. Phaedo. 1914. In: _____. *Euthyphro, Apology, Crito, Phaedo, Phaedrus*. Trad. Harold North Fowler. Cambridge: Harvard University Press, 1914, pp. 193-403.

RICOEUR, Paul. *Tempo e narrativa*. Vol. 3. Trad. Claudia Berliner. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010.